

CACHIMBO GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACACO, ESTADO DE SÃO PAULO

Neide BARROCÁ FACCIO*

Hiuri Marcel DI BACO**

Resumo: Os cachimbos em sítios arqueológicos guarani do Estado de São Paulo são raros e apresentam diferentes formas. São confeccionados em argila. O tipo de antiplástico utilizado em cachimbos pré-coloniais ainda foi pouco estudado. O cachimbo evidenciado no Sítio Arqueológico Macaco apresenta-se numa forma confeccionada por modelagem e acordelado. Chama atenção a decoração incisa presente em toda a sua superfície.

Palavras-chave: guarani, cachimbo guarani, cerâmica guarani.

GUARANI PIPE MACACO ARCHAEOLOGICAL SITE, STATE OF SAO PAULO

Abstract: The guarani pipes in archaeological sites in the State of São Paulo are rare and have different forms. They are made out of clay. The type of anti-plastic used in pre-colonial have yet been little studied. The pipe shown in the Archaeological Site Macaco presents it is a form built by the technique of overlapping small ropes of clay superimposed on each other. It draws attention to the incisive decoration present throughout its surface.

Keywords: guarani, guarani pipe, guarani pottery.

* Endereço eletrônico: nfaccio@terra.com - Profa. Dra. do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (DPUA/FCT/UNESP). Coordenadora do Laboratório de Arqueologia Guarani da FCT/UNESP. nfaccio@terra.com.br.

** Endereço eletrônico: hiuridibaco@gmail.com - Bacharel em Geografia pela FCT/UNESP. Aluno do curso de pós-graduação do MAE/USP.

1. Introdução

No Sítio Arqueológico Macaco foi evidenciado um cachimbo fragmentado. Trata-se de um sítio associado à ocupação indígena pré-histórica guarani. A reconstituição gráfica e posterior reconstituição experimental da forma possibilitaram uma melhor compreensão da técnica de confecção do cachimbo. Dessa maneira, esperamos contribuir com o estudo a respeito dos cachimbos guarani.

O Sítio Arqueológico Macaco está localizado no Município de Junqueirópolis, SP (**Figura 1**).

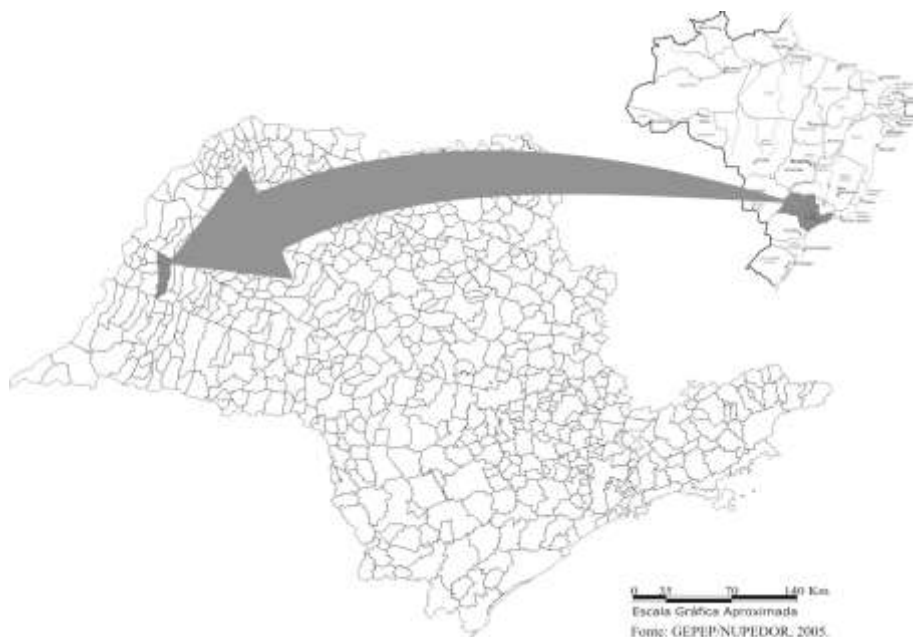


Figura 1: Localização do Município de Junqueirópolis, SP.

2. O Cachimbo Guarani do Sítio Arqueológico Macaco

Segundo a descrição de Prous (1991), o cachimbo guarani de barro, aqui analisado, é considerado a forma mais antiga do objeto, mas coexiste com outras que detêm características tecnológicas diferentes, como os cachimbos de forninho de barro e de cabo de madeira.

Os cachimbos são encontrados em grande número em sítios tupi-guaranis do Paraná e, sobretudo do Rio Grande do Sul; outros aparecem em coleções de outros estados, mas sem procedência cultural verificada, a não ser em Queimada Nova (PI). Na fase Ibirajé, podem apresentar um sulco distal periférico à guisa de decoração; costumam ter entre oito e 10 centímetros de comprimento. (PROUS, 1991, p. 397).

Essa descrição condiz com as características do cachimbo do Sítio Macaco. Há dúvidas com relação ao seu tamanho, pois uma parte do cabo foi quebrada.

Alguns dos registros etnográficos de cachimbos guarani dizem que eles são utilizados em rituais de saudação. Estudos feitos por Argüello (1998), em aldeia mbya guarani no sudoeste do Paraná, no município de Chopinzinho, mostram que, entre outras situações, o cachimbo é utilizado pelos guarani desse grupo na cerimônia de nomeação de crianças, na festa do milho novo e em terapia para cura de doenças.

A saudação termina quando termina o fumo, o que, em geral, ocorre após três voltas ao redor do altar (*amba*). Quando o fumo dura mais tempo, porém, ela se prolonga por mais uma ou duas voltas.

Ao terminar a saudação, cada participante pronunciou uma expressão de aclamação: *ha'ëve'i*, a que a comunidade confirmou, dizendo também *ha'ëve'i* (uma espécie de amém, assim seja! eu tenho dito!).

Terminada a saudação, as cinzas foram derrubadas ao pé do altar e o cachimbo foi oferecido para outras pessoas, respeitando a seguinte ordem: xondáro adulto,

rezador (*oporaiva*), ajudantes do rezador e do pajé (*yvyra'ijja*), outros homens e, finalmente, as mulheres. (ARGÜELO, 1998, p. 204).

Os meninos também fazem uso de cachimbos, só que estes são menores. “Durante todo o tempo do ñemboaguyjevete, um menino só de camisa, com um pequeno cachimbo ritual em suas mãos (*petýngua*), participou do ritual, imitando em quase tudo os adultos” (ARGÜELO, 1998, p. 205).

Entre os outros usos, Garlet e Soares (1998) citam que:

O cachimbo guarani também é usado ritualmente por ocasião da recepção de visitantes. O visitante só é reconhecido e se considera bem recebido após sentar com o anfitrião e fumar com ele o cachimbo. (GARLET; SOARES, 1998, p. 270).

De acordo com Litaiff e Post Darella (2000), os guarani que utilizavam esse cachimbo provavelmente seriam os pertencentes ao subgrupo Mbya ou Ñandeva.

Os Guarani são falantes da língua Guarani, pertencente ao tronco lingüístico Tupi e à família lingüística Tupi-Guarani. No Brasil, os Guarani são divididos em três subgrupos: Mbya (principalmente litoral e interior dos estados do sul e do sudeste), Chiripa ou Ñandeva (interior e litoral sul e sudeste) e Kayova (principalmente no Mato Grosso do Sul). (LITAIFF E POST DARELLA, 2000, p. 7).

As **Fotos 1 e 2** apresentam o cachimbo encontrado na área do Sítio Arqueológico Macaco.

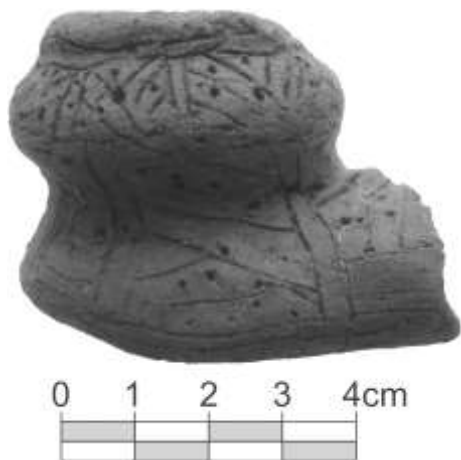


Foto 1: Cachimbo fragmentado do Sítio Arqueológico Macaco. Número de registro da peça: 66. Município de Junqueirópolis, SP.



Foto 2: Cachimbo fragmentado do Sítio Arqueológico Macaco. Número de registro da peça: 66. Município de Junqueirópolis, SP.

Segundo Garlet e Soares (1998), os cachimbos guarani:

[...] são confeccionados em barro, madeira e, eventualmente, taquara. Do ponto de vista arqueológico é praticamente impossível estabelecer a precedência na utilização de uma matéria-prima em relação a outra. As peças em madeira ou taquara não resistem à ação do tempo. (GARLET e SOARES, 1998, p. 251).

Ainda segundo esses autores, para a confecção do *petýngua*, os guarani usavam, entre outros materiais, o barro preto, um tipo raramente encontrado, em forma de bolas, no leito dos rios, e que exige adição de tempero. Como antiplástico, geralmente eram utilizados ossos de porco do mato ou de tamanduá, torrados e moídos em pilão. No caso do cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco, esse parece ter sido o procedimento utilizado, ainda que não seja possível afirmar que tipo de osso foi usado (GARLET; SOARES, 1998).

A seguir, GARLET e SOARES (1998) descrevem as fases do processo de confecção de um *petýngua*:

- a) O primeiro passo é formar um bloco maciço com barro, considerando o tamanho da peça a ser produzida. O formato é, normalmente, retangular. O barro deve ser bem comprimido para evitar a formação de bolhas dentro do bloco.
- b) Uma haste, preferencialmente de taquara, é introduzida longitudinalmente no local definido para a chaminé. Esta haste deve ser proporcional ao tamanho do cachimbo e à *takw'i* que se deseja introduzir a guisa de piteira. Deve formar um ângulo de aproximadamente 15^o em relação à parede do lado em que é introduzida.
- c) Outra haste é introduzida no centro da superfície superior de cima para baixo, devendo encontrar-se com haste de chaminé.

d) Após estes procedimentos, o barro deve ser posto em local adequado (ao abrigo do sol, umidade, correntes de ar e deixado secar até ficar firme.

e) Com faca, ou Yvyrape, começa-se a escavar o forninho. Este tem forma cônica e o centro deve ser tomado com base no orifício deixado pela haste fixada na face superior.

f) Concluído o forninho, começa-se a esculpir o corpo da peça obedecendo os seguintes passos: corte dos cantos das porções anterior e posterior formando um bloco losangular; corte da parte superior; passa-se a esculpir as paredes laterais externas do forninho; acabamento da peça com efeitos desejados. (GARLET; SOARES, 1998, p. 258 - 259).

No Sítio Macaco, a técnica utilizada para a confecção do cachimbo não foi a acima descrita. Também não foi observado o emprego do engobo na peça em análise. Provavelmente, esse tipo de tratamento de superfície não seja empregado em cachimbos, para os quais se optou por uma superfície de decoração plástica, como por exemplo, o inciso.

Azevedo Damy (1983), em classificação do acervo guarani do Museu Paulista, relacionou um forninho, uma massa de barro para cachimbo e 17 cachimbos, sendo que 14 deles apresentam forninho de barro e três, forninho de madeira. Desses 14, oito têm tubo de madeira roliça ou taquara, enquanto dos demais (seis cachimbos) não se pode afirmar com segurança se os tubos estão ausentes ou se são de barro. Entre os 14 cachimbos de barro foi verificado o tipo liso, com asa, em forma de cabeça de pássaro, com reentrância, incisões, pontos, arestas longitudinais, estrias paralelas ao bojo, entalhes etc. Predominaram as asas e as incisões, sendo que uma mesma peça, por vezes, apresentou ambos os recursos. Os cachimbos, provenientes da Ilha do Bananal, Aldeia Bananal, Aldeia Silveira e Município de Guarita, foram associados ao uso cerimonial e profano, sendo 13 confeccionados por mulher e um por homem. Comparando sua forma com a do cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco, verificamos que os primeiros, ao que sugerem as descrições, foram confeccionados pela técnica de entalhe, tal como os cachimbos de madeira, enquanto na confecção do segundo foi utilizada a técnica de entalhe/modelagem e acordelamento. Contudo, quando verificamos a decoração, o tipo inciso, associado ou não ao

ponteado, foi o mais utilizado, como ocorre no cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco.

Scatamacchia (1981) apresenta quadros onde relaciona cachimbos de cerâmica do Rio Grande Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Do Rio Grande do Sul, relaciona 70 cachimbos, nos quais as asas são raras, e 35 são do tipo angular, como o do Sítio Macaco. Quanto à decoração, predomina o liso, mas verificamos, em uma das 70 peças, a presença do engobo vermelho. Do Estado de Santa Catarina, relaciona quatro cachimbos, três do tipo tubular e um sem descrição. Do Estado do Paraná, relaciona 26 cachimbos, dos tipos cônico, angular e tubular, com predominância dos dois últimos. Dos objetos provenientes do Paraná e de Santa Catarina, não há referência quanto ao tipo de decoração. Do Estado de São Paulo, relaciona quatro cachimbos, sendo um do tipo tubular e três, do angular. Os cachimbos angulares apresentados, oriundos de Pirassununga (duas peças) e de Aparecida (uma peça), possuem forma semelhante à do encontrado no Sítio Macaco, e um deles traz decoração incisa. Scatamacchia não menciona, nessa pesquisa, a técnica de confecção utilizada na confecção dos cachimbos. Ainda no Estado do Estado de São Paulo, verificamos a presença de um cachimbo angular, liso, no Sítio Arqueológico Alvim, localizado no Município de Pirapozinho.

O uso do cachimbo está relacionado ao fumo e, portanto, ao cultivo de plantas que servem para esse fim; contudo, não contamos com estudos específicos sobre esse tema.

3. Teste Experimental para Conhecimento da Forma de Confecção e Decoração do Cachimbo do Sítio Macaco e para Auxiliar o Estudo de Restauração do Objeto

Para melhor entender a morfologia do cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco, o primeiro passo foi a reconstituição gráfica, a partir da qual foram aplicados testes experimentais, por meio da reconstituição de uma réplica com o cabo e o tubo. Esse procedimento permitiu estudar as técnicas de confecção dessa peça.

Nas **Figuras 2 e 3**, apresentamos a reconstituição gráfica provável do cabo do cachimbo, em que a parte que falta foi projetada conforme a

descrição de Prous (1991) para a morfologia do cachimbo guarani da fase Ibirajé.

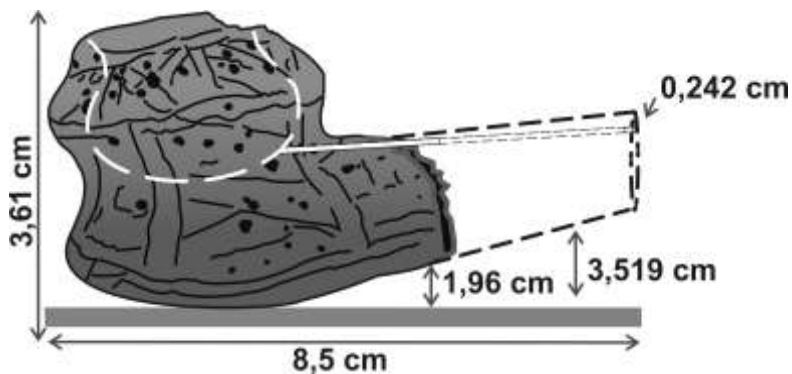


Figura 2: Reconstituição gráfica do cabo do cachimbo, com a parte do tubo projetada. Sítio Arqueológico Macaco. Junqueirópolis, SP.

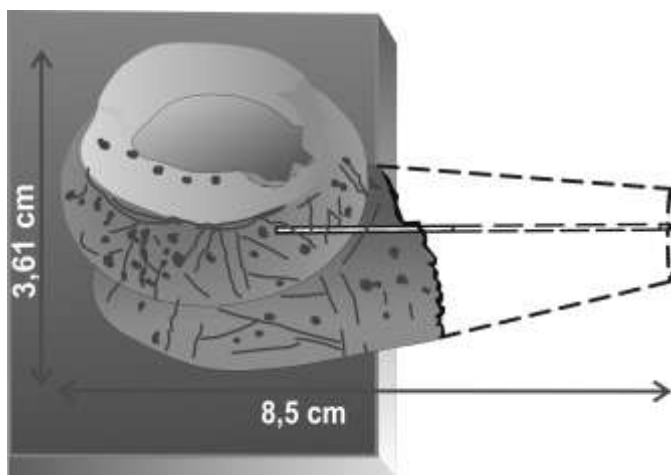


Figura 3: Reconstituição gráfica do cabo do cachimbo, com a parte do tubo projetada. Sítio Arqueológico Macaco. Junqueirópolis, SP.

Os testes revelaram que o cabo desse artefato foi modelado e o forninho foi construído pela técnica de roleteamento, o que condiz com as características do forninho da peça original. Essa peça apresenta marcas de roletes e tem uma quebra na borda, na junção de um dos roletes (**Foto 3**).

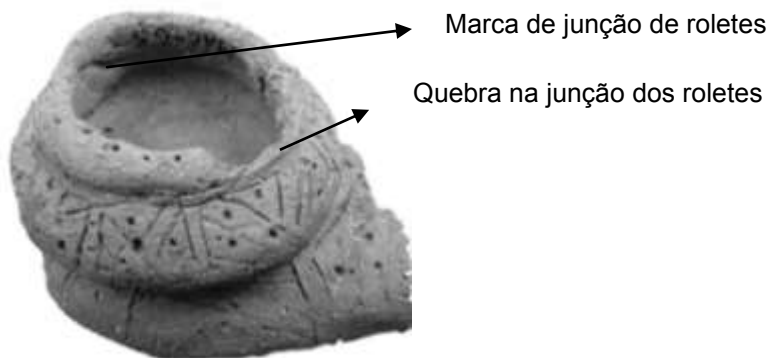


Foto 3: Cachimbo guarani fragmentado. Sítio Arqueológico Macaco, Junqueirópolis, SP.

Para a construção da réplica do cachimbo do Sítio Macaco, utilizou-se argila sem adição de antiplástico e uma vareta de bambu, de 0,242 centímetros de espessura por 12,5 centímetros de diâmetro, com a ponta afiada, que foi utilizada para fazer as incisões, conforme as existentes na peça original, bem como para fazer o canal do tubo. Optamos por não adicionar antiplástico, nessa fase da pesquisa porque, nesse momento, o objetivo da investigação é verificar a técnica de confecção e de decoração. Pretendemos prosseguir com as análises, investigando questões relacionadas ao antiplástico e à queima. O trabalho de confecção da réplica iniciou-se com a modelagem da base do forninho e do cabo. Em seguida, foram feitos pequenos roletes para a construção do forninho, conforme pode ser visto na **Foto 4**.

Aplique do primeiro rolete



Foto 4: Modelagem inicial do cachimbo com posterior aplique do primeiro rolete na base de sustentação do forninho.

A análise da decoração do cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco demonstrou que ele apresenta motivos incisos com retas paralelas diagonais opostas, delimitadas por retas horizontais e verticais paralelas. Entre essas retas, estão pontos incisos que se encontram intercalados em sequência, ora com pontos entre retas paralelas, ora sem pontos. Esses pontos, quando estão entre as retas diagonais, seguem em zigue-zague, formando triângulos e, quando estão entre as retas horizontais, verticais paralelas e na borda do forninho, seguem um ao lado do outro, mantendo a mesma proporção de distância entre si, conforme o motivo mínimo que se repete por toda a peça. (Figura 4)

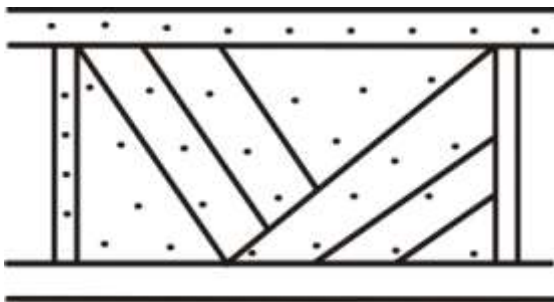


Figura 4: Motivo mínimo inciso do cachimbo do Sítio Arqueológico Macaco.

A partir dessa análise, foi feita a decoração da peça, seguindo sempre o modo como se apresenta na peça original. Em seguida, introduziu-se a vareta de ponta afiada na parte distal do cabo para formar o canal por onde é conduzida a fumaça quando sugada pelos usuários nas cerimônias, finalizando a confecção da réplica. A seguir, as **Fotos 5, 6, 7 e 8** mostram esse trabalho em detalhes.



Fotos 5 e 6: Trabalho de decoração do cachimbo e realização do canal por onde a fumaça é sugada.



Foto 7: Trabalho de realização do canal por onde a fumaça é sugada.



Foto 8: Trabalho de reconstituição por meio de uma réplica (n° 1) da peça original sem parte do cabo à esquerda (n° 2).

4. Considerações Finais

O estudo do cachimbo guarani do Sítio Arqueológico Macaco possibilitou compreender a técnica de confecção, bem como a de decoração do objeto.

Os testes experimentais revelaram que o cabo do cachimbo foi construído por modelagem, e o forninho por meio de roleteamento.

Contudo, estudos etnográficos relatam que os índios guarani esculpam com faca, geralmente feita de taquara, a massa de argila seca e firme, para transformá-la em cachimbo. Além disso, os dados demonstram que a abertura do canal por onde a fumaça é sugada se dá no início da confecção da peça e não no final. No caso do cachimbo do Sítio Macaco, como foi confeccionado por modelagem e acordelamento, o mais lógico foi realizar o canal depois de pronto, para que ficasse na medida certa do forninho, mas esse procedimento pode não ter sido o utilizado originalmente.

A importância deste artigo reside na raridade desse tipo de artefato em sítios pré-históricos do Estado de São Paulo e no fato de os índios guarani do presente raramente confeccionarem cachimbos em cerâmica. Com consequência, o arqueólogo conta com uma escassa bibliografia sobre o tema, seja ela etnográfica, histórica ou arqueológica. Este artigo procurou, portanto, contribuir para uma melhor compreensão desse artefato na pré-história.

5. Referências Bibliográficas

ARGÜELLO. **O Rito de Nomação numa Aldeia Mbya - Guarani do Paraná**. Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 1998.

DAMY, Antônio Sérgio Azevedo. O Acervo Guarani do Museu Paulista: Contribuição Para Uma Classificação Sistemática. **Revista do Museu Paulista**. Nova Série – Volume XXIX, São Paulo, 1933/1984: 237-242.

GARLET, Ivori José; SORES, André Luis R. **Cachimbos Mbyá-Guarani: Aportes etnográficos uma arqueologia Gyarani**, 1998.

LITAIFF; POST DARELLA. Os Índios Guarani Mbya e o Parque Estadual Tabuleiro. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. **Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”**. Brasília, 2000.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília. Editora UNB, 1980.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani. **Dissertação de Mestrado** defendida FFLCH da USP, 1981.